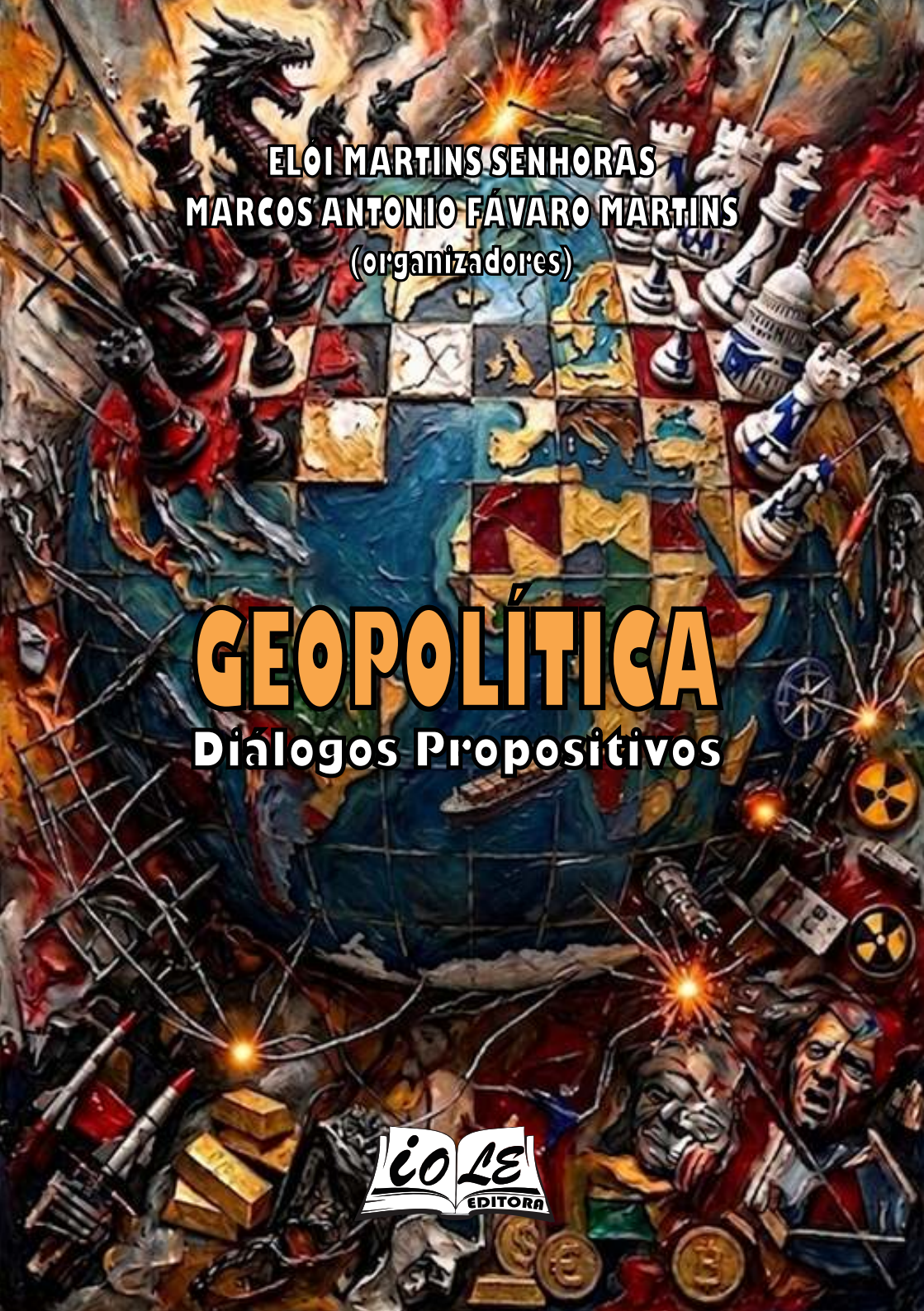
ELOI MARTINS SENHORAS
MARCOS ANTONIO FÁVARO MARTINS
(organizadores)

GEOPOLÍTICA

Diálogos Propositivos



EDITORA

GEOPOLÍTICA

Diálogos Propositivos

GEOPOLÍTICA

Diálogos Propositivos

ELÓI MARTINS SENHORAS
MARCOS ANTONIO FÁVARO MARTINS
(organizadores)

BOA VISTA/RR
2026

Editora IOLE

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.



EXPEDIENTE

Revisão
Elói Martins Senhoras
Geane Ribeiro Silva Monteiro

Capa
Alokike Gael Chloe Hounkonnou
Elói Martins Senhoras

Projeto Gráfico e Diagramação
Elói Martins Senhoras
Balbina Líbia de Souza Santos

Conselho Editorial
Abigail Pascoal dos Santos
Charles Pennaforte
Claudete de Castro Silva Vitte
Elói Martins Senhoras
Fabiano de Araújo Moreira
Julio Burdman
Marcos Antônio Fávaro Martins
Rozane Pereira Ignácio
Patrícia Nasser de Carvalho
Simone Rodrigues Batista Mendes
Vitor Stuart Gabriel de Pieri

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

Se72 SENHORAS, Elói Martins; MARTINS, Marcos Antonio Fávaro (organizadores).

Geopolítica: Diálogos Propositivos. Boa Vista: Editora IOLE, 2026.

Série: Geografia. Editor: Elói Martins Senhoras.

ISBN: 978-65-979656-8-7

1 - Estudos de Caso. 2 - Geografia. 3 - Geopolítica. 4 - Teoria.
I - Título. II - Senhoras, Elói Martins. III - Geografia. IV - Série

CDD–900

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores.
O presente livro contou com avaliação às cegas no sistema double-blind-review.



EDITORIAL

A editora IOLE tem o objetivo de divulgar a produção de trabalhos intelectuais que tenham qualidade e relevância social, científica ou didática em distintas áreas do conhecimento e direcionadas para um amplo público de leitores com diferentes interesses.

As publicações da editora IOLE têm o intuito de trazer contribuições para o avanço da reflexão e das práxis em diferentes áreas do pensamento e para a consolidação de uma comunidade de autores comprometida com a pluralidade do pensamento e com uma crescente institucionalização dos debates.

O conteúdo produzido e divulgado neste livro é de inteira responsabilidade dos autores em termos de forma, correção e confiabilidade, não representando discurso oficial da editora IOLE, a qual é responsável exclusivamente pela editoração, publicação e divulgação da obra.

Concebido para ser um material com alta capilarização para seu potencial público leitor, o presente livro da editora IOLE é publicado nos formatos impresso e eletrônico a fim de propiciar a democratização do conhecimento por meio do livre acesso e divulgação das obras.

Prof. Dr. Elói Martins Senhoras

(Editor Chefe)

Copyright © Editora IOLE
2026

CAPÍTULO 2

O Líbano como Enclave Ocidental no Oriente Médio:
Uma Análise de sua Inserção Geopolítica Regional e Global

O LÍBANO COMO ENCLAVE OCIDENTAL NO ORIENTE MÉDIO: UMA ANÁLISE DE SUA INSERÇÃO GEOPOLÍTICA REGIONAL E GLOBAL

José Ailton Dutra Júnior[1]

Para podermos começar a compreender um país geograficamente distante do Brasil, mas muito ligado a ele, pois afinal, há aqui uma enorme imigração libanesa e cerca de 7 milhões de descendentes, sendo o ministro da Economia Fernando Haddad e o vice-presidente Geraldo Alkmin, as figuras mais importantes, nesse momento entre esses descendentes, devemos ter em mente algumas ideias gerais a respeito dos países árabes que estranhamente não se encontram presentes mesmo entre estudantes e pesquisadores na Universidade: 1) eles são países e sociedades modernos que, nos últimos 230 anos, foram moldados pelas mesmas forças históricas gerais que moldaram o Brasil e as demais nações latino-americanas: a Revolução Francesa, a Revolução Russa, o colonialismo europeu, o sistema capitalista, as ideologias do liberalismo (e sua versão atual: o neoliberalismo), o socialismo e o comunismo e o nacionalismo; 2) Por fazerem parte do mundo moderno as sociedades árabes enfrentam, com suas particularidades, problemas comuns a grande partes dos povos hoje: as desigualdades sociais enormes, processos de desemancipação das classes populares e destruição das conquistas democráticas do século XX, saque internacional de suas economias pelo capital financeiro ocidental em aliança com burguesias locais, dívida externa impagável, alienação das burguesias nacionais, esmagamento das classes médias, crise das forças políticas

[1] Graduado em História e mestre em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail para contato: jose.dutra@usp.br

progressistas devido à queda da URSS, expansão do obscurantismo religioso sob uma população desesperada e fragilizada pelas políticas neoliberais, invasões militares dos EUA e, no caso dos árabes a presença opressiva e brutal de Israel (MAKIDISI, 2019).

Entre as forças históricas modernas que moldam a atual sociedade libanesa destaco, nesse momento, o colonialismo europeu. Como todos sabem, começando no século XV, mas se tornando global no século XIX, graças a Revolução Industrial e ao capitalismo liberal de base industrial, toda a humanidade foi colonizada, de forma direta ou indireta, pelas potências europeias cujo resultado foi fraturar e moldar todas as sociedades do planeta de modo a servir aos interesses dos europeus. Para grupos humanos doutrinados nessa perspectiva: a Europa e sua história são considerados o único modelo válido para organizar a sociedade, nada herdou ou incorporou de outras culturas e civilizações e as suas conquistas tecnocientíficas, econômicas e políticas são apresentadas como supostas provas desse pressuposto.

Essa mentalidade colonizada, que toma o processo denominado pelo filósofo argentino Enrique Dussel, como o Paradigma da Modernidade Eurocêntrica Hegemônica como modelo de verdade absoluta na organização da ordem social talvez seja o problema fundamental, como veremos da formação social libanesa. No caso desse pequeno país árabe, a ideia do Líbano como uma extensão cultural ou geopolítica da Europa como resultado das ações doutrinárias dos colonizadores franceses entre as classes dominantes libanesas, é um tema central para a sua formação como estado-nação e para se entender os graves problemas que atravessaram a sociedade libanesa ao longo do século XX e chegam até os dias de hoje (DUSSEL, 2005).

Portanto, a presença da França na região da Síria histórica está ligada à sua aliança política com uma população local de árabes sírios católicos: os maronitas. Estes eram, segundo o historiador

libanês Kamal S. Salibi (1986), uma confederação árabe cristã que se aliara na Idade Média aos cruzados e, por conta disso, eles passaram por um lento e conflituoso (internamente) processo de conversão ao catolicismo que somente se completou em 1736. Nesta conversão eles formaram uma igreja autônoma (administrada por um patriarca com o seu sínodo), a Igreja Católica Maronita, mas vinculada a Igreja Católica Romana e reconhecido o papa em Roma como o seu líder supremo (SALIBI, 1986).

Por conta dessa conversão, os maronitas se transformarão numa das pontas de lança da penetração econômica e política europeia na Ásia Ocidental e da conversão de populações locais ao catolicismo levando a formação de outras igrejas católica autônomas na região mais ou menos nos moldes da Igreja Católica Maronita. As capitulações otomanas assinadas com a França, dando o direito a este país de "proteger" os católicos locais, criarão, com o tempo, uma relação muito intensa deste estado com estes. Por causa disso, depois de 1850, os franceses, em aliança com o patriarcado maronita, procuraram favorecer a classe mercantil cristã na costa da Síria, particularmente aquelas em Beirute, aonde os maronitas e outros católicos serão os maiores beneficiados em termos econômicos ascendendo-se como uma nova classe dominante em oposição aos senhores feudais do interior (TRABOULSI, 2007; MAKIDISI, 2019).

Por isso, o Líbano foi criado e alargado pelos franceses, a partir da Síria, em 1/09/ 1920 para atender aos pedidos dos maronitas por um estado independente, mas a sua criação incorporou uma grande população muçulmana que, inicialmente, não desejavam pertencer ao novo país levando, ao surgimento, em sua população e classes dominantes, de distintas ideias do que significa ser libanês e isso vem até hoje. Em 1943 o Líbano se tornou independente da França.

1943-1990

Na segunda metade do século XX, o Líbano terá sua história caracterizada pelos seguintes aspectos: 1) divisão de poderes entre as burguesias maronita e sunita por meio de um pacto não escrito (o Pacto Nacional) no qual a presidência fica e o comando do exército fica com os maronita e o cargo de primeiro ministro com os sunitas, mas o primeiro cargo é mais poderosos e dirige o governo; 2) o desenvolvimento de sua economia liberal baseada em serviços que vinculou, fortemente, a burguesia libanesa ao grande capital ocidental, mas que também dependia dos mercados árabes para essa economia de serviços e de intermediação; 3) os efeitos das desigualdades criadas por esse modelo cujas vítimas principais foram as classes trabalhadoras e os pequenos agricultores do interior, especialmente os muçulmanos; 4) a ameaça constante e os efeitos negativos e disruptivos da existência de Israel incluindo a população de refugiados palestinos que sempre foi muito maltratada (KAMEL, 2023). Os efeitos desses fatores fizeram o Líbano viver sobre uma combinação de crescimento econômico (mas não desenvolvimento de suas forças produtivas), com prosperidade financeira para suas burguesias e classes médias associadas, pobreza para as regiões majoritariamente muçulmanas do país e permanentes tensões políticas e sociais combinadas com períodos de ataques israelenses violentos.

Assim foram os anos de Camille Shamun (1952-1958) e o de Suleiman Frangié (1970-1976) no qual viram crescimentos econômicos na média de 5-6% ao ano, mas um grande aprofundamento das desigualdades e da exploração econômica, mas também tensões geopolíticas devido ao fato de que os EUA, apoiado por governos conservadores locais, buscavam manter o Líbano dentro da esfera de influência deles enquanto as forças sociais locais que questionavam, em graus variados, a ordem estabelecida pelo

Pacto Nacional, eram influenciadas ou recebiam o apoio de governos regionais (como Nasser no Egito, Gaddafi na Líbia ou a Síria baathista, etc.) que se insurgiam contra o domínio estadunidense do Oriente Médio e buscavam apoio ou aliança com a União Soviética (DIB, 2004; GENDZIER, 1997).

As contradições de classe irão desencadear a Segunda Guerra civil (1975-1990), que viu o Líbano invadido por Israel, Síria, EUA e França, matou mais de 150 mil pessoas, destruiu a esquerda libanesa como força política relevante, desmoralizou dentro da sociedade libanesa o nacionalismo árabe, reforçou o sectarismo nas relações sociais, trouxe uma enorme violência contra os palestinos, criou redes poderosas de máfias comandadas pelas burguesias locais e introduziu o neoliberalismo, terminou com o país mantido dentro das antiga rede transnacional de poder. Como antes de 1975, mas agora com a burguesia sunita assumindo o papel de liderança interna na condução dessa rede enquanto as burguesias maronitas acabaram no papel mais secundário. No fim, a era Rafiq Hariri foi o resultado desse complexo emaranhado de fatos e processos ao longo dos quinze anos de guerra civil que também coincidiu com a rendição da União Soviética e a derrota do socialismo (HOURANI, 2010).

OS ANOS RAFIQ HARIRI

Os anos 1990 no Líbano foram caracterizados por três processos principais: a incorporação do país, de forma definitiva, a ordem neoliberal comandada pelos EUA após a eleição de Rafiq Hariri em 1992, no qual a burguesia sunita internacionalizada assume o papel de agente principal do poder ocidental (associada ao capital do Golfo) que antes era reservado a classe capitalista maronita; a ocupação militar da Síria; a luta exitosa contra a

ocupação israelense n na terras ao sul do rio Litani no qual o protagonismo será do Hezbollah (HOURANI, 2010).

Esses três processos estão relacionados, pois tanto a incorporação do Líbano a ordem financeira neoliberal dos EUA quanto a luta para libertar e unificar o território nacional ocorrem por conta das complexas negociações (muitas ainda desconhecidas) que envolvem a Síria em seu esforço de garantir a sua sobrevivência no mundo pós-Guerra Fria, salvar o país de cair tanto na situação do Iraque (ataque militar, embargo, destruição e mais de uma milhão de mortos) quanto na Cuba (embargo, empobrecimento em massa, precarização em massa do estado e da vida de sua sociedade). A Síria (por meio da sua aliança com o Irã) garante as condições geopolítica, financeiras e militares para que a resistência expulse Israel em maio de 2000, mas ao preço de ser uma fiadora da nova ordem neoliberal libanesa que mantém o interior do Líbano subdesenvolvido, concentra os investimentos do estado em zonas ligadas a economia mundial, marginaliza ainda mais a indústria e a agricultura, como o centro de Beirute, aumenta a concentração de renda, o desemprego e a precarização das relações de trabalho produzindo novas ondas de emigração para o exterior de trabalhadores (BAUMANN, 2016; CORM, 2005; NAHHAS, 2020).

Temos assim, também, um quadro no qual a Síria exerce um papel ambíguo no Líbano e esse papel ambíguo teve consequências imediatas para ambos os países.

O ONZE DE SETEMBRO, A GUERRA CONTRA OS MUÇULMANOS E O LÍBANO

Com Bush no poder em janeiro de 2001, a burguesia dos EUA, representada pelos neoconservadores, começa a aplicar o

plano escrito no livro o Novo Século Americano de 1997 por meio da conquista militar do mundo muçulmano para assim assegurar o controle da Ásia, cercando e forçando a submissão da Rússia e da China. Aqui, havia a aplicação das teorias do Heartland (1904) de Halford Mackinder (HOBSON, 2012) bem como as de Zbigniew Brzezinski (1997). As condições para a aplicação desse projeto foram dadas pelo onze de setembro, a islamofobia produzida e a subsequente "guerra ao terror" cujos resultados foram as invasões do Afeganistão e do Iraque seguido do cerco e isolamento parcial da Síria, além das ações do governo israelense, sob o comando do ex-general Ariel Sharon, para destruir Arafat, a Autoridade Palestina e a viabilidade do estado palestino e sua economia e sociedade. Em dezembro de 2003, o governo dos EUA dá início, praticamente a guerra com a Síria e o Líbano, quando o Congresso desse país aprova a chamada *Syrian Accountability Act* e, no ano seguinte, os EUA faz com que o Conselho de Segurança da ONU aprove a intrusiva Resolução 1559 exigindo o desarmamento do Hezbollah.

Nesse processo ocorre o ainda não explicado assassinato de Rafiq Hariri no qual se dá a acusação, não comprovada, de que a Síria é a responsável a formação de um tribunal internacional pela ONU para investigar esse atentado. Em seguida ocorrem um conjunto de manifestações (como revolução colorida) contra a presença militar síria e contramanifestações a favor. As tropas sírias saem. Então há a eleição do governo pró-EUA de Fuad Saniura. Assim, com a saída das tropas sírias se a hegemonia política da direita sunita transnacionalizada que assume definitivamente o antigo papel geopolítico dos maronitas e recebe o apoio dos supremacistas desta última comunidade, entre estes, Samir Geagea das Forças Libanesas e o ex-presidente Amin Gemayel do partido das Falanges (ABU KHALIL, 2021).

Essa situação leva a formação de dois blocos políticos principais que representam, até hoje, a luta interna entre pró-

americanos e as forças mais nacionalistas em diversos graus: a Aliança 14 de Março liderada pelo Movimento Futuro da família Hariri e a Aliança 8 de Março do qual o Hezbollah e, desde 2006, o Movimento Patriótico Livre, um partido majoritariamente cristão, são as duas forças mais importantes. Os nomes dessas alianças vêm das manifestações ocorridas, ou contra ou a favor da Síria, em Beirute em determinados dias de março de 2005 (CALFAT, 2022).

O Hezbollah entra pela primeira vez no governo com as eleições de 2005. Nessa época, o ex-general Michel Aoun retorna ao Líbano. Ele era o ex-comandante militar da direita cristã que foi derrotada em outubro de 1990 e era, desde então, contrário a presença do exército sírio em seu país. Porém, ele e o seu partido, o Movimento Patriótico Livre, entrarão em aliança com o Hezbollah em janeiro de 2006 e se aproximarão da Síria. Nesse cenário, EUA dão prosseguimento a luta política para conquistar o estado libanês por dentro e a intromissão da embaixada americana na vida política interna do Líbano se torna aberta. O Líbano se torna uma arena de disputa entre as forças vinculadas a Washington e protegidas pelas monarquias do Golfo versus as forças de resistência aliadas a Síria e ao Irã, mas muitas vezes, nem sempre antineoliberais (ABU KHALIL, 2005).

Nesse contexto, ocorre a invasão de Israel em julho de 2006 cujo objetivo real era aplicar a agenda do governo Bush-Cheney tanto ao Líbano como a Síria (NORTON, 2014). Durante a guerra, a recusa do *premier* Saniura de usar o exército para defender o Líbano levanta suspeitas de uma possível atitude de colaboração dele com os EUA, aumentadas pelos cabos divulgados pelo *Wikileaks* de Julian Assange que também mostram a ajuda síria ao Hezbollah e a atitude estranha dos políticos libaneses, inclusive de aliados do Hezbollah. Porém, ocorre uma derrota sem precedentes de Israel que não consegue avançar para além da fronteira. Ao mesmo tempo o papel vital do presidente nacionalista Emile Lahoud, nos bastidores,

em anular as ações anti-Hezbollah vindas da administração Saniura, consegue que o Partido de Deus reunifique novamente a nação em um momento decisivo de sua história (WIKILEAKS, 2025).

Em 14 de agosto, quando termina a guerra, Hassan Nasrallah, o líder do Partido de Deus, se transforma em um herói nacional, do Mundo Árabe e do Sul Global. Um bom exemplo disso é a canção Ahiibaii (BOUTROS, 2020) da grande intérprete libanesa Julia Boutros, de origem árabe cristã e armênia, lançada em novembro de 2006, em homenagem a vitória do Hezbollah, que teve um grande sucesso comercial. Os lucros das vendas foram usados para ajudar as famílias de combatentes libaneses mortos e outras vítimas (ARAB NEWS, 2006).

Como os maronitas nos anos 1970, a burguesia sunita transnacionalizada apela para o discurso sectário, numa perspectiva salafista, para criar uma base de apoio no eleitorado sunita aos seus primeiros-ministros dos quais o partido Movimento Futuro e o filho de Rafiq, Saad Hariri, viram, por mais de uma década, as grandes lideranças do 14 de março. Em apoio a ação dos EUA estão as monarquias do Golfo, particularmente a Arábia Saudita, cuja influência na vida libanesa é imensa, afinal o capital do Golfo domina regionalmente a economia libanesa, além disso, grande parte da burguesia libanesa reside, trabalha ou acumula capital no Golfo, a mídia do Golfo tem nos profissionais de comunicação libaneses a sua base profissional, milhões de dólares vem do Golfo como remessa de quase um milhão de expatriados libaneses, os mercados dessas monarquias são os maiores compradores da produção agrícola (frutas e vegetais) e industrial do país e os turistas do Golfo são importantes para manter a economia de muitas regiões do Líbano. Aliás, por meio do capital do Golfo, a burguesia libanesa tem um dos principais mecanismo para a sua integração a esfera internacional do capital financeiro anglo-saxão (CORM, 2005).

O crescimento econômico até 2011, a resiliência a crise de 2008 do capitalismo neoliberal ocidental, a ampla base social de apoio ao Hezbollah e a Aliança 8 de Março impedem que as crises que ocorrem, por conta ação política norte-americana afundem o país numa guerra prolongada como foram os casos do conflito no campo de refugiados palestinos em Narh el Bared (2007) (ABU KHALIL, 2007), a curta guerra civil de 2008 entre o Hezbollah e os seus aliados contra as milícias do 14 de Março, os grupos armados salafistas em Tripoli e o seu confronto armado com a comunidade alauíta local na localidade de Jabal Mohsen (NOWLEBANON, 2009). Israel não mais bombardeia o Líbano, embora invada o espaço aéreo e naval do país numa base diária.

A GUERRA NA SÍRIA E A LUTA PELO LÍBANO

Tudo isso muda com o começo da guerra na Síria e a invasão do território do país vizinho por forças da extrema direita muçulmana sunita graças a uma aliança internacional comandada pelos EUA no qual as monarquias árabes do Golfo, França, Reino Unido, Jordânia e Turquia são atores centrais do conflito. Esa ocorre no quadro das chamadas "revoltas populares árabes" contra os seus governos ou "Primaveras Árabe". A guerra na Síria isola, por terra, o Líbano do Oriente Médio, arrasa a sua economia que era muito conectada com a do país vizinho e dependia de suas estradas para chegar por terra os seus produtos a vários mercados regionais, além e ser um importante fornecedor de cereais. Assim, novamente, o Líbano vira um alvo fácil para as políticas de desestabilização americano-saudita-israelense.

Desde 2011, o Líbano passou a viver uma das suas piores crises desde a I Guerra Mundial em meio ao esforço político e militar realizado pelos EUA, junto a Israel, a Arábia Saudita (e demais

monarquias do Golfo), a Jordânia e os países principais da OTAN (Reino Unido, França, Canadá e Alemanha) para derrotar as forças de políticas locais de resistência e colocar o país sobre total controle ocidental e hegemonia israelense. Essa guerra política (que teve um componente militar) dividiu a sociedade libanesa, mas também as suas classes dominantes, fragilizou suas estruturas estatais e devastou sua economia numa escala que chegou muito próximo ao que foi vivido durante os anos da guerra civil de 1975-1990.

Por outro lado, ao longo da década de 2010, a Aliança 8 de Março foi, aos poucos, por conta da sua forte base social, ganhando a maioria dos cargos por eleição no parlamento e, graças ao poder de veto adquirido com os Acordos de Doha (2008), foi adquirindo força o suficiente para poder negociar e barras ações e nomeações políticas vindas da Aliança 14 de Março e das embaixadas ocidentais e do Golfo. Já os êxitos militares contra os grupos armados salafistas dentro do Líbano vindos da Síria ou do próprio país, aumentaram essa força política na década de 2010. Também contribuiu muito para isso a derrota em curso das forças jihadistas da OTAN na Síria depois de 2015, por conta da intervenção militar direta russa, do êxito militar do Hezbollah na sua ação na Síria e da perda de força política da Aliança 14 de Março e do Movimento Futuro, apesar dos bilhões de dólares de apoio financeiro ocidental e das monarquias árabes.

Dentre esses confrontos, o mais grave foi enfrentamento armado com o sheik Ahmad al-Asir, em junho de 2013, nos arredores da cidade litorânea de Sidon, 60 km ao sul de Beirute, foram momentos muito perigosos, pois poderiam provocar uma guerra entre sunitas e xiitas que destruiria o Líbano (KARAM; SURK, 2013).

A luta pela subjugação do Líbano, conduzida sob a liderança dos embaixadores dos EUA e da Arábia Saudita, envolveu o financiamento de milhões de dólares à diversas forças políticas sob

a liderança do Movimento Futuro, a corrupção de vastos setores da academia, classes artísticas, jornalística e intelectual do Líbano, bem como de diversos setores da antiga esquerda libanesa e o financiamento de uma vasta rede de falsas ONGs, abordando áreas temáticas particulares que iam da ecologia e movimentos de jovens, passando por debates sobre emancipação feminina até debates sobre a estrutura do estado e da sociedade nacionais. Isso ocorreu sob uma perspectiva de um discurso abstrato democrático-liberal descolada da realidade geopolítica, isto é, da ameaça existencial representada por Israel e pelos EUA e evitando abordar a decisiva questão nacional palestina. Tudo isso para separar vastos setores da sociedade libanesa, particularmente das novas gerações, das forças políticas que resistiam à dominação dos EUA. Supostos movimentos da sociedade civil como o "Você Fede!" de 2015 seriam consequência dessas ações (ABU KHALIL, 2014).

Devido a essa luta geopolítica, a década de 2010 assistiu a uma campanha de ódio verdadeiramente racista (nos moldes do Jim Crow dos EUA) contra os xiitas executadas por meio da mídia ocidental e do Golfo no qual mentiras sobre sua população e história ora os tratavam como "infiéis", para atiçar o ódio dos sunitas salafistizados que ora os tratavam como agentes do Irã e para isso o antigo preconceito antixiita dos libaneses urbanos foi reativado (ABU KHALIL, 2022).

Assim, a eleição de Michel Aoun, líder da FPM, para presidente em 2016 e de Tammam Salam, Hassan Diab e mesmo Najib Miqati em, respectivamente, maio de 2014, janeiro de 2020, setembro de 2021, para o cargo de primeiro-ministro, no parlamento libanês, mostravam a força política da Aliança 8 de Março em sua luta de realizada dentro do estado e das instituições políticas libanesas contra os seus inimigos internacionais.

Nessa época, possíveis tentativas de se começar uma guerra civil, como o massacre de manifestante do Hezbollah e do Amal no

bairro de Tyouneh em Beirute, no dia 7 de maio de 2021, por atiradores da direita cristã foram habilidosamente evitadas. Assim como, houve um esforço por parte das lideranças políticas do 8 de março de evitar os discursos sectário na vida pública para assim evitar dar pretexto para a deflagração de um conflito armado (MATTAR, 2022). Na mesma época, o governo Diab mesmo, começou a dirigir lentamente a política externa libanesa em direção ao eixo russo-chinês e acena para a possível assinatura de acordos de investimentos chineses ligados ao projeto das Novas Rotas da Seda (MROUE, 2020).

Um dos episódios mais bizarros desse confronto foi o sequestro de Saad Hariri pelo governo saudita em 2017 quando este chegou a Riad, convocado pelo regente Príncipe Salmam Al Saud, e foi colocado sob prisão domiciliar no Hotel onde há indícios de que foi espancado por agentes de segurança do governo saudita, em seguida levado aos estúdios da tv saudita Al-Arabiyyah, onde renunciou ao governo algo que foi prontamente rejeitada por todas as forças políticas libanesas. Negociações de bastidores envolvendo os russos, ocidentais, libaneses e sauditas conseguiram a libertação de Saad Hariri que reassumiu o seu posto (SHAVIST; GUZANSKY, 2017).

Em outubro de 2019, uma onda de manifestações tomou as ruas de Beirute. O que parecia ser um ato de protesto cidadão contra os abusos das classes governantes locais eram na verdade o que informalmente se denomina uma “Revolução Colorida”. Segundo a jornalista libanesa Rania Khalek, os agentes do governo dos EUA buscavam desviá-las para derrubar a coalizão da Aliança 8 de Março e desmoralizar o Hezbollah. Várias das ONGs e outras organizações envolvidas nos eventos em 2016 e 2019 recebiam dinheiro da USAID, NED e outras organizações do mesmo tipo (KHALEK, 2019). Essas ações forçaram a renúncia de Saad Hariri em janeiro

num momento em que ele estava menos hostil em relação ao Hezbollah e a Síria (ABU KHALIL, 2020).

No entanto, havia um sério problema: a Aliança 8 de Março não possuía um plano consistente alternativo ao neoliberalismo imposto desde os anos 1990. Aliás, toda a política econômica do Líbano executada por lideranças vindas ou aliadas ao 8 de março eram continuações da estabelecida por Rafiq Hariri, ainda que abrandadas em certos aspectos. Diversas razões podem ser apontadas para isso: o governo de coabitação permanente com o 14 de Março; o fato de vários partidos e lideranças do 8 de Março serem neoliberais e estarem envolvidos em suas práticas corruptas (acusação feita a Nabih Berri do Amal, por exemplo); a pressão permanente das embaixadas ocidentais e árabes; a poderosa rede do Complexo Econômico Transnacional, a verdadeira base econômica do Líbano, impossível de desafiar sem apoio internacional e a Síria unificada, pacificada e livre de exércitos estrangeiros invasores. Mesmo as críticas do Hezbollah ao neoliberalismo foram diminuindo em frequência com o passar dos anos (HOURANI, 2010). Este fato estimulava a ação das ONGs dentro da sociedade civil libanesa.

A misteriosa explosão do porto de Beirute em 4 de agosto de 2020 que deixa 300 mil desabrigados, mata cerca 220 pessoas, deixa 7500 feridos e destrói ou danificada grande parte do centro de Beirute com prejuízos de US$ 15 bilhões e produziu uma das maiores explosões não nucleares da história da humanidade. Como o porto é a principal porta de entrada e saída de mercadorias do Líbano, a explosão contribui muitíssimo para golpear ainda mais a economia libanesa.

Ao mesmo tempo a guerra política entre os EUA e seus aliados e as forças que a ele se opõem ocorriam nos bastidores a respeito da sucessão de Michel Aoun como presidente e ainda está

em andamento agora em 2024, embora oficialmente interrompida por conta do genocídio em Gaza.

Todos esses acontecimentos se dão diante de uma aguda crise econômica em curso que devasta o país como resultado combinado de trinta anos de políticas neoliberais mais as sanções norte-americanas aplicadas ao país por conta da existência da Aliança 8 de Março, particularmente do Hezbollah, como parte da continuação da guerra de Washington pelo domínio da Ásia Ocidental. Essa crise é piorada pelo bloqueio para enfrentar a pandemia do Covid-19 (encolhimento de mais de 20% do PIB) [PIB encolherá mais de 20% O declínio no privado consumo é o principal motivo] e a guerra na Ucrânia. Por conta disso, uma mega inflação eleva os custos dos alimentos no Líbano aumentou 350% em abril de 2023 em relação ao mesmo mês do ano anterior e a lira libanesa perde mais de 90% do seu valor levando o Líbano a experimenta uma das maiores hiperinflações da história (CAS, 2022; EURONEWS, 2022).

Desde 2020 dois processos exteriores opostos podem definir o futuro no Líbano: o resultado do genocídio de Israel na Faixa de Gaza desde 7 de outubro e a pacificação na Síria devido a derrota em curso dos EUA e o esfacelamento gradual da sua aliança para invadir a Síria. O Hezbollah, diante do anúncio da ação militar de Israel em Gaza, inicia uma ação militar contra esse estado, na sua região setentrional da Galileia, para forçá-lo a parar a execução do seu plano de genocídio em Gaza e forçar uma cordo político com o Hamas e os demais grupos de resistência armada na Palestina.

Essa ação provavelmente não foi tomada apenas pelos Hezbollah (isto é, tem respaldo não declarado em diversos grupos políticos libaneses), é feita, muito possivelmente, em coordenação com a Síria, o Irã e os grupos de resistência no Iraque e o governo do Ansarullah no Iêmen. Deve, portanto, fazer parte de uma política pan-estatal mais ampla. No entanto, não teria a unanimidade dos libaneses, segundo Abu Khalil, apesar das grandes manifestações em

apoio aos palestinos no Líbano, este país está dividido, pois cerca de 50% da sua população seria pró-Israel de alguma maneira, não haveria uma ação política do 8 de março para parar a luta contra Israel no momento e Michel Aoun e o MPL estão contra a luta do Hezbollah, embora mantenha a aliança (ABU KHALIL, 2024).

O Hezbollah manterá a iniciativa até setembro de 2024 quando os israelenses darão início a uma nova ofensiva extremamente violenta no Líbano que começará com uma série de atentados explosivos em pagers, walkie-talkie e outros aparelhos eletrônicos utilizado por membros do Hezbollah, simpatizantes e familiares de ambos (KANJ, 2024), seguirá então um pesado bombardeio sobre o Sul do Líbano, o subúrbio xiita de Dahieh ao sul de Beirute e o Vale do Bekaa, entre outras regiões do Líbano. Várias lideranças do Hezbollah são mortas incluindo Hassan Narasllah, assassinado no quartel-general do partido, por meio de um ataque com mais de 80 bombas de duas toneladas, localizado numa construção no subsolo sob o bairro de Dahieh, no qual vários membros da alta cúpula e até mesmo representantes do governo iraniano morrem. Sua morte causa grande comoção no Líbano e o governo do Irã declara cinco dias de luto (IRANINTEL, 2024).

Em seguida é assassinado por Israel o recém-empossado líder do Hezbollah Hisham Saifeddim (AL-JAZEERA STAFF, 2024). Apesar disso, o exército israelense é militarmente contido pelas tropas do Partido de Deus não avançando além de algumas aldeias na fronteira (ATKINSON, 2024, AL-JAZEERA, 2024), porém um fato muda radicalmente o cenário libanês: o governo do partido Ba'ath (nacionalista árabe) da Síria é derrubado em 07/12/2024 após uma ofensiva das forças fundamentalistas de direita com o apoio dos EUA, da Turquia e de Israel (AL-JAZEERA, 2024). O novo governo na capital Damasco, chamado de "Governo de Transição Nacional" e liderado pelo ex-chefe jihadista do grupo Hayt Tahrir al-Sham Abu Muhammad Al-Jolani, cujo nome real é Ahmed Al-Sharaa, assume

uma postura abertamente contrária ao Hezbollah (LE ORIENT LE JOUR, 2025) e ao Irã, além de hostilizar minorias religiosas locais, particularmente os alauítas e os drusos com que acabará promovendo confrontos armados e massacres em 2025 (BULUT, 2026).

Mesmo assim, o recém-eleito governo de Joseph Aoun como presidente e Nawaf Salam como primeiro-ministro buscaram manter relações políticas (AN-NAHAR, 2026). Este governo irá, com apoio de grupos da direita cristã como as Forças Libanesas de Samir Geagea, o Partido Nacional Liberal da Família Chamoun e o Kataeb da família Gemayel, hostilizar cada vez mais o Hezbollah, a população xiita (AL-JAZEERA, 2025) ao mesmo tempo em que afirmará até chegar a pôr em prática uma política de diálogo e de não resistência a Israel que manterá tropas no Líbano após o acordo de cessar-fogo destes com o Hezbollah, intermediado pelos EUA, além de realizar ataques assassinatos (inclusive de numerosos civis) e destruir aldeia, florestas e fazendas no sul do Líbano sem que o exército deste país reaja.

O Líbano então se encaminhava para um processo de rendição frente a Israel e os EUA (sob a presidência de Donald Trump desde janeiro de 2025). Este processo se acentua quando ambos atacam duas vezes os Irã (em junho de 2025 e desde 28 de fevereiro de 2026), embora ainda não tenham saído vitoriosos. No Líbano, os setores historicamente pró-ocidentais e que vem o Líbano como um enclave ocidental no mundo árabe se vem empoderados e possuindo uma base de apoio não só em importantes setores das populações cristãs (particularmente os católicos), mas também nas burguesias sunitas, drusas e algumas xiitas com importantes negócios no Ocidente e nos países árabes do Golfo Pérsico. Estas veriam no atual primeiro-ministro sunita pró-Ocidental Nawaf Salam um representante.

A segunda guerra dos EUA, e Israel contra o Irã que começa em 28 de fevereiro com um bombardeio no qual o Aytollah Ali

Khamenei e grande parte de sua família são assassinados (Al-AKHBAR, 2026), vê o Líbano mais uma vez envolvido, pois o Hezbollah, agora sob a liderança de Naim Qassem, busca expulsar Israel do país com ajuda de outras forças políticas nacionalistas libanesas. No entanto, o governo de Joseph Aoun toma duas decisões a favor de Israel: coloca o ramo militar do Hezbollah na ilegalidade e retira o exército libanês da linha de frente no sul do país (AL-SHARK Al-SAWT, 2026).

Israel tenta avançar militarmente, mas é mais uma vez contido, embora produza novamente uma grande devastação (UNITED NATION, 2026). Ao mesmo tempo, os bombardeios retaliatórios do Irã que devastam partes importantes de seu território complicam sua situação no Líbano. Finalmente, os EUA e Israel param momentaneamente o ataque ao Irã em maio de 2026 devido a devastação que as bases dos EUA em grande parte do Oriente Médio sofrem com os bombardeios com mísseis de retaliação dos iranianos, a devastação de Israel (YENI SAFAK, 2026) e, especialmente, o fechamento do Estreito de Ormuz, na saída do Golfo Pérsico, que tira quase um quarto do petróleo do mercado mundial e grande parte do gás natural produzindo um aumento de mais de 10 dólares no preço do barril de petróleo e criando um novo choque do petróleo abalando a economia mundial (HINZ *et al.*, 2026). Um memorando de entendimento é assinado em Versalhes (França), em 17/06/2026, entre o Irã e os EUA, após negociações intermediadas com o Paquistão, no qual o governo de Donald Trump supostamente teria aceitado demandas iranianas relativas ao fim da guerra, das sanções norte-americanas e que incluíam a saída de Israel do Líbano (KNAPP, 2026).

O governo de Aoun-Salam então toma uma medida de rendição: dispensa a proteção política do memorando de entendimento do Irã com os EUA e assina em Washington, com a mediação deste último, um memorando de entendimento com Israel

no qual aceita que se desarme o Hezbollah, se compromete a fazer com que o Partido de Deus não combata Israel, concorda em não denunciar Israel em cortes internacionais de justiça, o Líbano reconhece que seu governo tem a exclusividade das armas, Israel pode tomar medidas militares no Líbano caso ache necessário. Ou seja, o acordo na verdade é uma pauta de reinvindicações do estado invasor sobre o invadido no qual este as acata (UNITED STATION, 2026).

Ao mesmo tempo há o temor de que Israel vá colonizar o e anexar o sul do Líbano, pois suas tropas destroem aldeias, infraestruturas, campos, florestas e impedem os moradores de retornar, além e que continuam matando e ferindo civis e mantem ordens de expulsão das populações em muitos lugares.

Os fatos estão em andamento.

REFERÊNCIAS

ABU KHALIL, A. “Lebanon Under Attack: U.S., Saudi and Israeli Attempts to Destroy Resistance, w/ As’ad AbuKhalil”. **BreakThrough News** [2022]. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 23/04/2026.

ABU KHALIL, A. “Lebanon: Key Battleground for Middle East Policy. The End of the Cold War has Seemingly Only Hardened American Unilateralism Toward Lebanon and the Middle East”. **Institute for Policy Studies** [2005]. Disponível em: <www.ips-dc.org>. Acesso em: 23/04/2026

ABU KHALIL, A. “Nahr al-Bared Siege”. **The Electronic Intifada** [2007]. Disponível em: <www. lectronicintifada.net>. Acesso em: 23/04/2026.

ABU KHALIL, A. “Os Argumentos Fracos dos Inimigos Libaneses da Resistência”. **Al-Akhabar** [2024]. Disponível em: <www.al-akhbar.com>. Acesso em: 23/04/2026.

ABU KHALIL, A. “The Angry Arab: The NGOs Invasion of World Arab”. **Organization for Defending Victims of Violence** [2022]. Disponível em: <www.odvv.org>. Acesso em: 23/04/2026

ABU KHALIL, A. “Who is Samir Geagea and does he Matter?” **The Cradle** [2021]. Disponível em: <www.thecradle.co>. Acesso em: 23/04/2026.

Al-AKHBAR. “Ayatollah Ali Khamenei, Iran’s Supreme Leader, Assassinated by Israel”. **Al-Akhabar** [2026]. Disponível em: <www.al-akhbar.com>. Acesso em: 23/04/2026.

AL-JAZEERA STAFF. “Hezbollah loses contact with senior leader Hashem Safieddine: Sources”. **Al-Jazeera** [2024]. Disponível em: <www.aljazeera.com>. Acesso em: 23/04/2026.

AL-JAZEERA. “Hezbollah fires ‘340 missiles’ at Israel, hits Ashdod naval base, Tel Aviv”. **Al-Jazeera** [2025]. Disponível em: <www.aljazeera.com>. Acesso em: 23/04/2026.

AL-JAZEERA. “Lebanese cabinet approves ‘objectives’ of US plan to disarm Hezbollah”. **Al-Jazeera** [2025]. Disponível em: <www.aljazeera.com>. Acesso em: 23/04/2026.

AL-JAZEERA. “World reacts to Bashar al-Assad’s fall, capture of Syria’s Damascus”. **Al-Jazeera** [2024]. Disponível em: <www.aljazeera.com>. Acesso em: 23/04/2026.

AL-MAYADEEN. “Lebanese Army repositions units in South to avoid Israeli encirclement. The Lebanese Army has withdrawn units from several southern Lebanese towns, saying the move aims to avoid Israeli encirclement, as attacks target soldiers and civilians”. **Al-Mayadeen** [2026]. Disponível em: <www.almayadeen.net>. Acesso em: 23/04/2026.

AL-SHARK Al-SAWT. “Lebanese President Says Ban on Hezbollah’s Military Activity ‘Irreversible’”. **AAWSat** [2026]. Disponível em: <www.aawsat.com>. Acesso em: 23/04/2026.

AN-NAHAR. “Regional War Pushes Lebanon and Syria Toward Security Coordination. Presidents Joseph Aoun and Ahmad al-Sharaa discuss border security, Hezbollah disarmament, and regional stability as tensions rise across the Middle East”. **An-Nahar** [2026]. Disponível em: <www.annahar.com>. Acesso em: 23/04/2026.

ARAB NEWS. “Julia Boutros Launches New Single for Families of Lebanese Martyrs”. **Arab News** [2006]. Disponível em: <www.arabnews.com>. Acesso em: 23/04/2026.

ATKINSON, E. “Hezbollah fires rocket barrages into Israel after deadly Beirut strikes”. **BBC News** [2024]. Disponível em: <www.bbc.com>. Acesso em: 23/04/2026.

BAROUDI, S. E. “Politico-economic Power; Continuity in Economic Policy in Postwar Lebanon: The Record of The Hariri and Hoss Governments Examined, 1992-2000”. **Arab Studies Quarterly**, vol. 24, 2002.

BAUMANN, H. **Citizen Hariri**: Lebanon's Neoliberal Reconstruction. New York: Oxford University Press, 2016.

BOUTROS, J. "Canção". **Youtube** [2006]. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 23/04/2026.

BRZEZINSKI, Z. **The Grand Chessboard**: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives. New York: Basic Books, 2016.

BULUT, U. "Christians, Druze, Alawites attacked in Al-Sharaa's Syria". **The Gatestone Institute** [2026]. Disponível em: <www.genocidewatch.com>. Acesso em: 23/04/2026.

CALFAT, N. N. **Veto e Governanças de Minorias em Regimes Consociativos**: Evidências de Confessionalismo de Coalizão no Líbano (Tese de Doutorado em Ciência Política). São Paulo: USP, 2022.

CAS - Administração Central De Estatísticas Do Líbano. "About MOPH". Beirute: CAS, 2022. Disponível em: <www.cas.gov.lb>. Acesso em: 23/04/2026.

CORM, G. **El Líbano Contemporáneo**: Historia y Sociedad. In: Biblioteca del Islam Contemporaneo. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2005.

DIB, K. **Warlords and Merchants**: The Lebanese Business and Political Establishment. London: Ithaca Press, 2004.

DUSSEL, E. **Europa, Modernidade e Eurocentrismo in A Colonialidade do Saber**: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

EURONEWS. “Líbano Enfrenta a Pior Crise de Sua História”. **Euronewa [2022]**. Disponível em: <www.euronewa.com>. Acesso em: 23/04/2026.

GENDZIER, I. L. **Notes from the minefield**: United States intervention in Lebanon and Middle East, 1945-1958. Chichester: Columbia University Press, 1997.

HINZ, J. *et al.* “The Cost of Closing the Strait of Hormuz: Energy Bottlenecks and Global Food Security”. Kiel **Institute for the World Economy**, n. 206, 2026.

HOBSON, J. M. **Eurocentric Conception of The World**. New York: Cambridge University Press, 2012.

HOURANI, N. “Transnational Pathways and Politico-economic Power: Globalisation and the Lebanese Civil War”. **Geopolitics**, vol. 15, 2010.

IRANINTEL. “Iran’s Leader declares five days of national mourning for Nasrallah”. **Iranintel** [2024]. Disponível em: <www.iranintl.com>. Acesso em: 23/04/2026.

KAMEL, M. “Lebanon Explodes”. **MERIP Reports**, n. 44, 1976.

KANJ, J. “Were the Exploding Pagers in Lebanon Part of a Larger Israeli Blunder”. Al-Mayadeen [2024]. Disponível em: <www.almayadeen.net>. Acesso em: 23/04/2026.

KARAM, Z.; SURK, B. “Clashes Present Test for Lebanon’s Weak Military”. **AP News** [2013]. Disponível em: <www.apnews.com>. Acesso em: 23/04/2026.

KHALEK, R. “Technocracy Now: The US is Working to Turn Lebanon’s Anti-corruption Protests Against Hezbollah”. **The Gray Zone** [2019]. Disponível em: <www.thegrayzone.com>. Acesso em: 23/04/2026.

KNAPP, F. “Trump signs deal in Versailles to end war with Iran”. **Politico** [2026]. Disponível em: <www.politico.eu>. Acesso em: 23/04/2026.

LE ORIENT LE JOUR. “Sharaa in ‘Jewish Journal’: With Israel, we have common enemies. Interim Syrian president rejected the notion of impending normalization with Israel but did not rule out future discussions”. **Le Orient Le Jour** [2025]. Disponível em: <www.lorientlejour.com>. Acesso em: 23/04/2026.

MAKIDISI, U. S. **Age of Coexistence**: The Ecumenical Frame and The Making of the Modern Arab World. Oakland: University California Press, 2019.

MAKIDISI, U. S. **The Culture of Sectarianism**. Community, History, and Violence in Nineteenth-Century Ottoman Lebanon. Oakland: California University Press, 2000.

MATTAR, H. “Hezbollah: Forty Dimensions of Uniqueness in Local and Regional”. **Academia.edu** [2022]. Disponível em: <www.academia.edu>. Acesso em: 23/04/2026.

MROUE, B. “Lebanon Looks to China as US, Arabs Refuse to Help in Crisis”. The Diplomat [2020]. Disponível em: <www.thediplomat.com>. Acesso em: 23/04/2026.

NAHHAS, C. **A Economy and a State for Lebanon**. Beirute: Riyāḍ al-Rayyis lil-Kutub wa-al-Nashr, 2020.

NORTON, A. R. **Hezbollah**: A Short History. Princeton: Princeton University Press, 2014.

NOW LEBANON. “Jabal Mohsen and Bab al-Tabbaneh targeted by three Energa grenades after the first day of violence”. **Now Lebanon** [2009]. Disponível em: <www.nowlebanon.com>. Acesso em: 23/04/2026.

REUTERS. “Costs of Israel-Hezbollah conflict on Lebanon, Israel”. **Reuters** [2024]. Disponível em: <www.reuters.com>. Acesso em: 23/04/2026.

SALIBI, K. S. “The Maronite Experiment”. **ResearchGate** [1986]. Disponível em: <www.researchgate.net>. Acesso em: 23/04/2026.

SALIBI, K. S. **The House of Many Mansions**: The History of Lebanon Reconsidered. Oakland: University of California Press, 1988.

SHAVIT, E.; GUZANSKY, Y. “The Hariri Resignation: Lebanon in the Shadow of the Saudi-Iranian Conflict”. **Journal Storage**, n. 989, 2017.

TRABOULSI, F. **A Guerra Civil no Líbano (1975-1990)**. São Paulo: Editora Sundermann, 2023.

TRABOULSI, F. **History of Modern Lebanon**. London: Pluto Press. 2007.

UNITED NATION. “UN experts condemn Israel’s unprecedented bombing in Lebanon after ceasefire announcement, demand immediate halt to hostilities”. **United Nation** [2026]. Disponível em: <www.un.org>. Acesso em: 23/04/2026.

UNITED STATION. **Memorando De Entendimento Entre O Líbano E Israel**. Washignton: U. S. Department of Station, 2026. Disponível em: <www.state.gov>. Acesso em: 23/04/2026.

WIKILEAKS. “Lebanon”. **Wikileaks** [2025]. Disponível em: <www. wikileaks.org>. Acesso em: 23/04/2026.

YENI SAFAK. “Iranian retaliation devastates Tel Aviv, sparks exodus as 9,115 damage cases recorded”. **Yeni Şafak English** [2026]. Disponível em: <www. yenisafak.com>. Acesso em: 23/04/2026.